



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Alguns pressupostos da Educação Tecnológica emancipadora

Por: Ivo Pereira de Queiroz¹¹
ivoaxe@gmail.com

Para José Antônio Pires Gonçalves que ensina a educar com amor, ciência e tecnologia.

Resumo

Esse texto articula reflexões sobre a educação tecnológica ao redor da seguinte indagação: de quais pressupostos deve-se lançar mão para o exercício docente comprometido com a cidadania? Em sua argumentação procura explicitar algumas premissas necessárias ao exercício docente comprometido com a cidadania, identificando preconceitos que podem contribuir à prática docente emancipadora. Considera alguns dos elementos imprescindíveis a serem levados em conta durante o planejamento do trabalho didático-pedagógico e reflete sobre princípios filosóficos que devem nortear a práxis educativa orientada para a autonomia intelectual. A exposição condensa o relato de experiências vividas na sala de aula, em uma trajetória acadêmica que compreendeu trabalhos junto a estudantes de 1ª série primária à especializações *lato sensu*.

Palavras-chave: Educação tecnológica; Docentes; Discentes; Emancipação; Práxis.

Resumo

Tiu teksto artikulas pensojn pri teknologia edukado ĉirkaŭ la sekva demando: el kiuj supozoj ĝi devigas uzi por praktika instruado, kompromitita kun civitaneco? En ĝia argumenteco, serĉas ekspliki iujn necesaj supozojn por praktika instruado faritaj al

11 Doutor em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, mestre em Tecnologia pela Universidade Federal Tecnológica do Paraná – UTFPR, especialista em Magistério Superior pela Universidade Tuiuti do Paraná – UTP e graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR. É servidor público federal, docente de nível superior, lotado no Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – CEFET/ PR. É organizador do livro “Filosofia e ensino: possibilidades e desafios” (2003), co-autor dos livros “Tecnologia e transformação social: reflexões sobre gênero, trabalho e educação” (2011), “Tecnologia e trabalho: desafios na construção da interdisciplinaridade” (2011), “Discutindo a educação na dimensão da praxis” (2007), “O tempo e o espaço na educação: o cotidiano na escola” (2003) e “Tecnologia e sociedade: (im)possibilidades” (2003).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

civitaneco, indentigante antaŭjuĝoj kiuj povas kontribui al emancipa praktika instruado. Ĝi konsideras kelkajn el la esencaj elementoj por konsideri dum la planado de didatika kaj pedagogia laboro kaj reflektas pri filozofaj principoj kiuj devas gvidi edukajn praxis, orientitaj al intelekta aŭtonomecon. La ekspozicio kondensas konton de spertoj vivitaj en la klasĉambro, en akademia kariero kiu komprenis laborojn ĉe studentoj de 1-a primara serio al la "latu sensu" erudiciecoj.

Ŝlosilvortoj: *Teknologia edukado; Instruantoj; Lernantoj; Emancipieco; Praxis.*

Abstract

This paper aims to reflect on technology education around the following question: on what ideas it should used to teaching practice committed to citizenship? In its argumentation it proposes to explain some necessary assumptions for teaching practice what is committed to citizenship. It pretends identify to contribute to liberating teaching. The text considers some of the essential elements to be taken into account during the planning of didactic and pedagogical work and reflects on philosophical principles that should guide the educational praxis oriented intellectual autonomy . The description condenses experiences in the classroom during an academic career that included work with students from 1st primary series to "latu sensu" specializations.

Keywords: *Tecchnological education, Teachers. Students. Emancipation. Praxis.*

Introdução

O início desta segunda década do século XXI presencia uma complexa realidade para as pessoas que escolhem a educação como seu trabalho e meio de vida. De fato, observa-se que, no Brasil, a atmosfera cultural que predomina nos meios escolares reflete precisamente a mesma realidade do contexto cultural que se vivencia fora dos muros das instituições educacionais. O pano de fundo que parece governar as mentes e os corações de homens e mulheres do tempo presente segue fortemente as diretrizes da sociedade do espetáculo. (DEBORD, 1998). "A lei que preside ao cosmos pode ser traduzida em termos de: *Mors tua*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vita mea (a tua morte é a minha vida).” (BOFF, 1973, p. 14). Ceticismo, hedonismo, narcisismo, consumismo, egoísmo fazem parte dos critérios a serem examinados como norteadores dos pensamentos, atos, palavras e fatos que regulam os desejos e decisões das pessoas deste momento histórico.

Os *playboys* que espancaram brutalmente a empregada doméstica Sirlei Dias de Carvalho Pinto num ponto de ônibus na madrugada carioca¹², declararam que pensavam tratar-se “apenas de uma prostituta”. Não imaginaram que pudesse ser uma trabalhadora a caminho do trabalho àquela hora da madrugada. Igualmente, os assassinos do índio Galdino¹³ que dormia num ponto de ônibus em Brasília justificaram seu ato afirmando não saberem que se tratava de um índio, pois pensavam que fosse “apenas um mendigo”. O assassinato da adolescente Eloá, em Santo André¹⁴, SP, por Lindemberg Alves, 22, o ex-namorado que a manteve refém por cem horas, diante das câmeras de TV e dos policiais ou o suposto esquartejamento de Elisa Samudio¹⁵, na chácara do goleiro Bruno, em MG, revelam que alguma coisa estranha acontece... Estas ações não são meramente acidentes, em seu absoluto desprezo pelos direitos humanos, parecem indicar um modo de ver a realidade, precedido por um modo de ser de homens e mulheres no mundo.

Pois bem, iniciar uma temporada de trabalhos docentes exige de seus atores um forte questionamento: de quais pressupostos necessários deve-se lançar

- 12 <http://colunistas.ig.com.br/leisenegocios/2010/08/16/domestica-espancada-por-jovens-no-rio-sera-indenizada-em-r-500-mil/?allcomments;http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/10/05/298019175.asp;http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/da-covardia-ninguem-falou> ;
13. <http://kiminda.wordpress.com/2010/04/20/o-assassinato-do-indio-galdino/> ;
<http://veja.abril.com.br/noticia/arquivo/assassino-indio-saira-cadeia>
- 14 <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL804432-5605,00.html> ;
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u458041.shtml>
- 15 <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/07/cronologia-do-caso-eliza-samudio.html> ;
<http://ultimosegundo.ig.com.br/goleirobruno/entenda+o+desaparecimento+de+eliza+samudio/n1237701751696.html>



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mão para o exercício docente comprometido com a cidadania? Que preconceitos podem contribuir para a práxis docente emancipadora? Quais são os elementos imprescindíveis a serem considerados durante o planejamento do trabalho didático-pedagógico? Que princípios filosóficos devem nortear a práxis educativa orientada para a autonomia intelectual?

Esta exposição procura explicitar alguns pressupostos necessários de que se deve lançar mão para o exercício docente comprometido com a cidadania, identificando preconceitos¹⁶ que podem enriquecer a práxis docente emancipadora. Pretende também focalizar alguns dos elementos imprescindíveis a serem considerados durante o planejamento do trabalho didático-pedagógico e refletir sobre princípios filosóficos que podem nortear a práxis educativa orientada para a autonomia intelectual. A exposição condensa o relato de experiências vividas em sala de aula junto a estudantes de 1ª série primária às especializações de *latu sensu*, além de outros tantos anos de mandatos de chefia e direção sindical de docentes.

Pressupostos necessários à práxis¹⁷ docente emancipadora

A práxis docente entendida como uma ação dialética é transformadora.

16 Ao pé da letra esta palavra implica a ocorrência de **um conceito anterior; um conceito preformado, isto é, formado antes**. E antes de quê? Claro que **antes de possuir os conhecimentos adequados a respeito do fato ou da coisa.** Disponível em: <http://orisval.wordpress.com/2012/01/08/existem-preconceitos-positivos/>. Acesso em 15ago2014.

17 “Na filosofia marxista, palavra grega *práxis* é usada para designar uma relação dialética entre o homem e a natureza, na qual o homem, ao transformar a natureza com seu trabalho, transforma a si mesmo. A filosofia da *práxis* se caracteriza por considerar como problemas centrais para o homem os problemas práticos de sua existência concreta: “Toda a vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que dirigem a teoria para o misticismo encontram sua solução na *praxis* humana e na compreensão dessa *práxis*” (Marx, a oitava tese sobre Feuerbach).” (JAPIASSU; MARCONDES, 1999, p. 219).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Transforma a pessoa e a realidade exterior no ir e vir entre o concreto e o abstrato da existência humana. Faz-se isto por meio da crítica. O exercício da crítica é uma necessidade da convivência humana. *Trata-se da experiência de identificar como as coisas são e, a partir desta identificação, projetar como elas poderiam ser.* Só se projeta bem como as coisas poderiam ser quando se tem nitidez, evidência, de como elas são. Entretanto, só se alcança evidência de como elas são na sintonia com os princípios norteadores que definem como elas poderiam ser. Seria como dizer que entre o *já* e o *ainda-não* houvesse uma solidariedade.

Criticar é também separar, é ruptura, pois provoca o retorno ao compromisso originário. Faz aparecer o *por quê* e o *para quê*... Ajuda a evidenciar o sentido humano de qualquer ação ou inação. Pensar que a crítica é uma ameaça significa pequenez de entendimento, porque o sentido do humano no mundo talvez seja o desafio mais relevante do conhecimento.

Qual seria o estopim desencadeador do processo da crítica? No caso da educação tecnológica emancipadora, parece-nos que o estopim de uma crítica necessária seria a justiça. Ora, por que a justiça provocaria a crítica necessária no contexto da educação tecnológica emancipadora? Primeiro: não existe, para qualquer pessoa, um bem que seja maior do que sua própria Vida. Ora, uma Vida humana explicita-se por múltiplas dimensões, podendo-se nomear necessariamente

- a) a biológica;
- b) a social;
- d) a espiritual ou transcendental.

Impedir que um ser humano realize as possibilidades de qualquer uma destas dimensões significa negar-lhe possibilidades de cuidar de seu maior bem,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

isto é, sua Vida. Portanto, *a justiça é um critério de distribuição do bem*. (SANTOS, 1999, p.10). Quando o bem é distribuído de modo impróprio, inadequado, ocorre a injustiça.

Parece que o sentido da educação tecnológica emancipadora seja o de oportunizar aos seus protagonistas o direito de cuidar bem de suas Vidas por meio do conhecimento transformador e libertador. A educação tecnológica emancipadora tem um compromisso histórico com a justiça! Portanto, quando a práxis docente exerce sua ação crítica, longe de querer destruir os fundamentos da sociedade, está mesmo buscando garantir o que há de mais precioso na ação docente que é promover, cuidar e buscar a excelência da Vida.

Esta concepção de educação opõe-se ao ensino instrumentalizador, pois a racionalidade instrumental que a governa visa unicamente a relação entre meios e fins. Como escrevem Adorno e Horkheimer (1985, p.19), a racionalidade instrumental reduz-se à *operation* eficaz. Neste sentido a racionalidade instrumental torna-se a porta de entrada no mundo da des-razão, da ação calculada com vistas a fins ou valores imediatistas. Do ponto de vista do capitalista, deve conduzir ao lucro. Não há preocupação com os destinos do ser humano e do planeta Terra. O nazi-fascismo foi um exemplo, de triste memória, da instrumentalidade irresponsável pela humanidade e pelo planeta Terra.

Cabe observar com Leonardo Boff (1999) que os humanos existem e são chamados a desenvolver um processo de cooperação, de interatividade cósmica. Neste sentido, cresce em importância a perspectiva ecológica da intervenção mediada pelo conhecimento formal. Nestes termos, emerge com robustez a conjunção de quatro concepções de ecologia que se interrelacionam, a saber, *a ecologia ambiental, a ecologia social, a mental e a integral*. Os homens e as

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mulheres e suas diversidades sexuais, enquanto filhos e filhas da Terra, têm um necessário compromisso com a dimensão do cuidado, pois na cadeia evolutiva o ser humano é a Terra que alcançou consciência e agora pode cuidar de si mesma.

Toda e qualquer ação ou não-ação que uma pessoa venha a praticar neste mundo deve, primeiramente, medir-se frente à seguinte pergunta: que é o ser humano para mim? Por esta mesma razão, toda e qualquer ação no campo educacional deve também responder coerentemente a esta mesma pergunta. À guisa de sugestão, propomos que o ser humano enquanto filho e filha da Terra é uma unidade, um corpo-espiritualizado ou um espírito-corporificado, um ser político que se constitui historicamente a partir de contextos lingüísticos. O ser humano é fundamentalmente incompleto, pois apresenta em sua estrutura necessidades biológicas, sociais e transcendentais. A partir de sua dimensão animal, inserido no contexto cultural edifica-se o humano. Com efeito, o humano é uma construção histórica. Como diria o filósofo Jean-Paul Sartre “a existência precede a essência.” (SARTRE, s.d., p.4). Primeiramente o homem descobre a sua existência, em seguida escolhe a essência que quer para si, estabelece o seu projeto pessoal de vida. Segundo o autor, o homem é um ser “condenado a ser livre”. (SARTRE, s.d., p.7). Portanto, nunca está definitivamente pronto, mas continuamente é chamado a se fazer a si mesmo, a responder pelos desafios históricos que encontra a sua frente a cada momento, a cada dia.

Em todo início de semestre educadoras e educadores vêem-se diante de novas pessoas em todos os estágios: crianças, adolescentes, jovens, adultas. Durante décadas indagamos aos estudantes: quem de vocês escolheu esta instituição para nela aprender as melhores técnicas de extermínio humano? Quem de vocês veio freqüentar este curso para aprender a matar pessoas? Alguém de

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vocês tem como finalidade nos estudos a aquisição de técnicas para atormentar e provocar sofrimento nas pessoas? Jamais encontramos uma resposta positiva. Em geral, alunas e alunos permanecem silenciosos ou gargalham gostosamente, como se estivessem a dizer que ouviram uma bela piada. Na realidade, as pessoas procuram uma sala de aula sabendo que serão exigidas, que receberão cobranças, que receberão tarefas e deveres para cumprir. Em muitos casos, as pessoas pagam para serem exigidas por suas professoras e seus professores. E para que fazem isso? Para construir uma obra, para realizar um grande trabalho, o trabalho de transformarem as suas próprias pessoas em seres capazes de realizar um trabalho.

As pessoas vêm às salas de aula esperando aprender uma profissão para posteriormente oferecer um trabalho à comunidade. De fato, trata-se de uma atitude corajosa: tais pessoas escolhem a parte mais difícil. Escolhem viver na institucionalidade formal, cumprindo os rigores do saber acumulado oferecido pela instituição escolar, sob a orientação de seus mestres e suas mestras. Talvez não seja errado imaginar que o mais fácil, de imediato, seja não ir à escola, ao instituto, à universidade. Fácil e rápido parece ser, ao menos para uma significativa parte da sociedade, a prostituição, o narcotráfico, o seqüestro, o assalto, o furto... Os estudantes escolhem a parte mais difícil: alterar suas próprias pessoas para, mais tarde, devolver um benefício à sociedade por meio do seu trabalho. Estudar é também renunciar, por isso termina-se um curso acumulando uma importante quantidade de abraços atrasados, de passeios atrasados, de sonos atrasados, de festas atrasadas... Assim sendo, uma docente pode olhar para sua nova turma de estudantes e imaginar: "Eis aqui, pessoas boas! Temos aqui homens e mulheres com esperanças de fazer uma coisa bonita... Eis aqui pessoas que posso ajudar a se tornarem boa gente e gente boa." Este tipo de preconceito parece ser benéfico para



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a práxis da educação tecnológica emancipadora.

Subsídios mínimos ao planejamento da educação tecnológica emancipadora

Um antigo fundamento da prática escolar reza que *o método também é um conteúdo*. Este fundamento sugere que uma pessoa pode educar para a democracia sem jamais mencionar este conceito. Basta organizar democraticamente seu contexto de trabalho. Contrariamente, não é preciso jamais falar em ditadura para ensiná-la: basta organizar ditatorialmente seu contexto de trabalho. A educação tecnológica emancipadora exige de seus atores a disposição para construir a democracia.

Numa sala de aula, a prática democrática pode ser inaugurada no primeiro dia de trabalho, durante a apresentação da disciplina onde se combinam as regras, os critérios para o desenvolvimento do trabalho e as formas de avaliação. Uma valiosa experiência tem-nos acompanhado durante os últimos anos. Ao apresentar a disciplina a uma nova turma sugerimos três regras: I - *Bom coração*. II - *Aprender. Ensinar. Corrigir*. III - *T.P.R.C.*

Os estudantes todos pensam ter um coração funcionando bem, talvez por isso, a maioria passe despreocupada deste assunto e, raramente, estude as condições de saúde de seus corações. O que lhes pedimos não é isto, mas a disposição de estarem naquela sala de aula, ao longo do semestre, contentes, com boa disposição, dispostos a uma convivência que permita a todos realizar seus próprios objetivos. Portanto, *bom coração* significa uma atitude política, uma opção de trabalhar para ser uma pessoa melhor.

A segunda regra informa os motivos pelos quais o grupo se reunirá a cada semana. Todos sabem disso, mas é comum serem surpreendidos quando O



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

professor lhes diz que aceita aprender deles e ser corrigido por eles quando estiver equivocado. O efeito da regra é simples: uma pessoa é responsável por todas as outras; poderá ensiná-las e também aprender delas. Poderá corrigir e/ou ser corrigida se for necessário.

A última regra é uma sigla significando que se houver algum "problema"¹⁸ teremos um meio de enfrentá-lo: Todos os Problemas Resolvemos Conversando. Portanto, se as duas regras iniciais não forem suficientes para o êxito dos projetos, recorreremos a qualquer momento, à terceira regra. O grande benefício está em desarmar ameaças de boicotes, sabotagens ou similares, posto que o ambiente de trabalho passa a ser uma responsabilidade de cada participante. E, acima de tudo, garante o respeito à liberdade, protegendo o espaço dialógico.

A literatura especializada reúne importante acervo de obras que detalham os procedimentos didático-pedagógicos em uma sala de aula, por exemplo, a estruturação de uma aula. Segue aqui uma proposição referente a uma alternativa de aula expositivo-dialogada.

O corpo discente deverá saber que aula trata de um determinado tema e que durante a reflexão que será desenvolvida haverá uma pergunta norteadora, a ser respondida por meio das argumentações a serem apresentadas. Este dado deve ser de conhecimento de todos, no início da aula. Ao longo dos raciocínios, convém retornar a este ponto de partida para se fazer um balanço identificando-se em que ponto do raciocínio o grupo se encontra. Terminada a exposição e/ou debate, é

18 *Problema* em sentido popular indica dificuldade, coisa errada, coisa ruim, sofrimento. No sentido filosófico, no entanto o termo *problema* carrega outro conceito. Do grego *pro+balos* significa lançar com força, projetar, arremessar. Tecnicamente, o problema se apresenta sob a forma de uma indagação. É a pergunta que estimula o espírito a buscar o saber inédito ou a identificar o propósito de uma teoria: “Não é possível entender ‘filosofia’ se não se entende o ‘problema’ abordado por um filósofo.” (PORTA, 2002, p. 15).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

importante voltar a este ponto de partida para confirmar se a demonstração atendeu ao que fora planejado. Não nos parece errado avisar o que os estudantes devem saber especificamente no momento da avaliação daquele tema estudado. Observemos um breve exemplo de roteiro de aula:

Tema: O papel social do IFPR-Campus de Umuarama/PR.

Problema: O papel social do IFPR-Campus de Umuarama/PR está dado a priori ou é uma construção social permanente?¹⁹

Objetivo geral: Refletir se o papel social do IFPR-Campus de Umuarama/PR está dado a priori ou é uma construção social permanente.

O corpo discente deverá saber se o papel social do IFPR-Campus de Umuarama/PR está dado a priori ou é uma construção social permanente.

Como se pode conduzir o raciocínio para a exploração do tema, expondo os conceitos necessários ao seu entendimento? Salvo melhor juízo, estudantes de todas as idades seguem o processo que a natureza lhes ensinou ainda na primeira infância: começam a aprender com perguntas. Tendo em vista a experiência vivida do corpo discente, torna-se proveitoso aos objetivos de uma aula o aperfeiçoamento da habilidade de formular perguntas. O docente deveria focalizar o tema a partir de fatos concretos para mais tarde se chegar aos conceitos. Portanto, o raciocínio deveria partir do concreto para o abstrato. A exposição das ideias evoluiria do simples para o complexo, do vivido para o

19 Como se pode notar facilmente, esta indagação está impregnada de outras. Por exemplo: a partir de que pressupostos o governo brasileiro criou os IF's? Que razões foram alegadas para justificar a instalação do Campus de Umuarama? Que papel social foi atribuído inicialmente ao IFPR/Umuarama? Este papel social poderá ser revisto? Quem poderá contribuir para atualização do papel social deste Campus? Que prejuízos o IFPR/Umuarama poderá sofrer se o seu papel social não for atualizado periodicamente? E o contrário? Qual é a responsabilidade dos discentes sobre os destinos deste Campus? Que benefícios a sociedade umuaramense está alcançando por meio da ação do IFPR?



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pensado.

Quando o docente formula perguntas e as discentes apresentam algum tipo de resposta, o melhor a fazer é dar-lhes o reforço positivo, por meio de agradecimentos e elogios. Naturalmente este reforço servirá de incentivo e encorajamento. Outras pessoas animar-se-ão para oferecer sua contribuição em outros momentos da aula. Do contrário, a ironia, o escárnio, o desprezo, a ameaça, além de inibir, envergonhar e arrefecer a disposição de participar pode significar algum tipo de assédio ilegal.

Por outro lado, torna-se importante aprender com os erros, pois *o erro é um bem pedagógico!* Diante de entendimento equivocado, de afirmações lacunares, carregadas de superficialidade, de demonstrações cabais de ignorância, nada melhor do que transformar esta evidência em nova oportunidade de crescimento intelectual. Sendo assim, nos momentos em que se devolvem as avaliações e se apresentam os resultados dos estudos realizados, professoras e professores de educação tecnológica têm uma excelente oportunidade de promover ajustes. Tomam-se os erros como desafios e oportunidades. Refazem-se os ensinamentos, reforçam-se teses, promove-se o compartilhamento de saberes, pois quem conseguiu atingir as metas cognitivas pode muito bem ser estimulado a compartilhar com quem, por enquanto, não o fez. Recuperar torna-se tarefa animadora e prazerosa para o corpo discente. Para finalizar a excelência desta conduta nada melhor do que agradecer. Sempre! Agradecemos-lhes por sua atenção... Por seu respeito... Pela alegria com que fizeram este trabalho... Agradecer ao corpo discente faz muito bem!



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Práxis educativa orientada para a autonomia intelectual

A práxis educativa desinstala e inquieta às pessoas sensíveis à emancipação humana. A inquietação provocada pelos desafios da educação tecnológica conduz a educadora e o educador a não se contentarem com respostas congeladas pelo tempo. A responsabilidade social derivada do compromisso com a educação tecnológica instiga o espírito a se questionar: que é educar? A partir de que critérios uma práxis educativa pode estar orientada para autonomia intelectual? Por que a autonomia intelectual trava uma relação de proximidade com a idéia de cidadania? Que é cidadania?

Com efeito, uma breve consulta ao sentido originário dos termos *autonomia*, *intelectual*, *educação*, *práxis*, já contribui para nortear a reflexão que dos mesmos se desdobra, na perspectiva da educação para a liberdade.

Autonomia, de origem grega – *autós = ele mesmo + nomos = lei, norma* - indica a “liberdade de viver com as próprias leis”²⁰ ou a capacidade de fazer as coisas independentemente, sem a tutela de outra pessoa. Pessoa autônoma é aquela que amadureceu a ponto de saber conduzir-se a si mesma sem ser orientada por qualquer tipo de tutor.

O termo *intelectual*, segundo Jesus (2010), “tem a ver com a inteligência (*intellectus, intus-legere*), é aquele que se ocupa com a inteligência do sentido realizado e presente nas atividades humanas. Desse modo, o intelectual seria capaz de intuir e ler no interior do real um sentido e valor.” Tem-se aqui uma pessoa com discernimento, termo de origem latina, *cernere*, significando “peneirar, joeirar, separar”, com o prefixo *dis*, “à parte”: “separar com atenção, distinguir, discriminar”. (CONSULTÓRIO ETIMOLÓGICO, 2011).

20 Disponível em: < <http://www.etimo.it/?term=autonomia> >. Acesso em 26jul.2011.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Segundo a pesquisa etimológica de Evandro S. MARTINS

educação é a forma nominalizada do verbo educar. Aproveitando a contribuição de Romanelli (1960), diremos que educação veio do verbo latim *educare*. Nele, temos o preverbo e - e o verbo - *ducare, dúcere*. No itálico, donde proveio o latim, *dúcere* se prende à raiz indo-européia DUK -, grau zero da raiz DEUK -, cuja concepção primitiva era levar, conduzir, guiar. *Educare*, no latim, era um verbo que tinha o sentido de 'criar (a uma criança), nutrir, fazer crescer.' Etimologicamente, poderíamos afirmar que educação, do verbo educar, significa 'trazer à luz a idéia' ou filosoficamente fazer a criança passar da potência ao ato, da virtualidade à realidade. Possivelmente, este vocábulo deu entrada na língua no século XVII.

Marcos F. Martins analisa o conceito de cidadania ressaltando a existência de uma pluralidade de significados, servindo tanto aos espíritos conservadores quanto aos progressistas. Desdobra o conceito, tomando-o inicialmente enquanto *cidadania com valor econômico: o cidadão cliente*. Deste ponto de vista, destaca o modo de ser imposto pelo capitalismo, especialmente após o final da guerra fria: o *american way of life* passa a ser imposto como paradigma de cidadania, calcado na idéia do consumo, no ensejo do sucesso do capital de que os *fast food*, os grandes magazines e os *shopping centers* são expressões.

A análise de Martins incluiu *A cidadania com valor 'gnosiológico: o cidadão como conhecedor de direitos e deveres*. Preconiza-se, neste caso a necessidade de os cidadãos conhecerem aquilo que lhes é próprio, implicando, por exemplo, que as empresas informem os direitos do cidadão na sua relação comercial. Contraditoriamente, a ênfase está sobre o potencial consumidor do cidadão. Outros direitos são relegados a um plano secundário, por isso o autor considera esta dimensão insuficiente devido às lacunas e silêncios que incorpora no tocante às estruturas dos seres humanos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em sua interpretação Martins propõe a *cidadania com valor ético-político: o cidadão enquanto sujeito de seu próprio destino histórico*:

Sabendo-se da necessidade de superar o conceito de cidadania restringido a sua dimensão econômica e 'gnosiológica', a necessidade de se tentar forjar um conceito que supere essas perspectivas se impõe. Ao cidadão clientes e a aquele que é conhecedor de seus direitos e deveres, apresenta-se a cidadania enquanto participação e o cidadão como aquele que é capaz de, com sua ação consciente, forjar seu próprio destino histórico. (MARTINS, p. 10).

Os conceitos aqui levantados permitem delinear uma mínima noção dos compromissos de alguém que se aventura pela profissão docente. Deveras, parece que os conceitos permitem inferir que o papel socialmente atribuído a docentes é o de conduzir seus educandos. Esta condução implica em lançar mão dos recursos científicos de suas áreas específicas de conhecimento bem como dos subsídios das ciências da educação em sua contextualização histórico-social para enriquecer o corpo discente de conceitos, teorias, princípios e hábitos necessários, à emancipação humana. Com esta base, estima-se que o corpo discente seja capaz de exercer o saber específico da profissão que abraça voltado para a construção da sociedade de homens e mulheres livres e iguais.

Por esse ponto de vista, a educação transcende à simples instrumentalidade, à relação entre meios e fins, à *operation*. Cabe à instituição educadora contribuir para que seus discentes apropriem-se dos recursos necessários à sua intervenção profissional, alicerçada em valores capazes de construir a cidadania. O estudantado deve ser ajudado a seguir por si próprio, sem deixar de estar comprometido com os destinos nacionais.

Em oposição à educação emancipadora está o treinamento para a alienação. Alienado é aquele que pertence a outro, ao invés, a educação libertadora qualifica para o discernimento.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Um exemplo singelo ilustra o papel da educação emancipadora. Supondo-se que, durante a preparação da refeição para o almoço da família uma criança receba a seguinte tarefa:

- Vá ao quintal, dirija-se aos canteiros de verduras e traga cebolinhas, folhas de salsinha e três pés de alface.

Insegura, a criança perguntaria:

- Como saberei qual hortaliça deverei recolher?"

Talvez lhe respondam para trazer a que estiver *mais bonita*. Ora, diante da variedade de hortaliças dispostas ao longo dos canteiros a criança julgará e identificará aquelas que, no seu entendimento, estarão com as melhores condições para serem servidas aos familiares ao redor da mesa.

A criança do exemplo acima viveu a experiência do *discernimento*: a capacidade de uma pessoa identificar aquilo que é, com justiça, apropriado ao sentido humano da existência. Portanto, educar para a emancipação, para a cidadania outra coisa não é senão o compartilhar teorias, conceitos, técnicas, valores e exemplos de vida que apontem as melhores decisões que uma pessoa poderá tomar em sua profissão, tendo em vista a realização humana, a edificação de uma sociedade de pessoas livres e iguais.

Educação tecnológica e suas contradições

Curiosamente, quando o tema de uma conversa é tecnologia, observa-se uma atitude muito comum: todo mundo parece saber do que se trata. Todas as pessoas insinuam saber o que significa tecnologia. Pior: ao imaginar saber do que se trata, tornam-se comuns as rejeições ao questionamento necessário: "o que a tecnologia?" Ora, os velhos gregos, nos primórdios da Filosofia, já alertavam para o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

papel da perplexidade, do estranhamento, da capacidade problematizadora, da virtude indagadora enquanto condições necessárias para o progresso do pensamento. No entanto, os próprios gregos, em suas disputas e contradições, negaram este princípio quando aceitaram as acusações de Meleto, Ânito e Lícon, levando Sócrates à morte pela ingestão do veneno cicuta. (PESSANHA, 1999, p.7). Ora, Sócrates irritou a muitas pessoas por um motivo elementar: perguntava, incansavelmente, o que eram as coisas, o que eram os conceitos. Pessoas ficavam exacerbadas porque os interrogatórios de Sócrates as desmascarava, denunciava que na verdade não passavam de ignorantes que se declaravam sábias. Por isso, decidiram matá-lo.

No tempo presente, as pessoas dizem que sabem o que significa tecnologia. Dão exemplos, lembrando equipamentos, aparelhos, enfim, máquinas. Para as pessoas, tecnologias são máquinas ou produtos produzidos a partir dos movimentos de outras máquinas coordenados por seus operadores. Em debates acadêmicos, freqüentemente encontram-se pessoas resistindo às sugestões de que a tecnologia seja também cultura, processos sociais, elemento simbólico. Em geral, para esta concepção ingênua, tecnologia é apenas uma coisa, um objeto.

As opiniões populares costumam também entender que se há tecnologia há automaticamente, progresso, desenvolvimento. Tecnologia, neste caso, é vista como sinônimo de evolução, de condições de felicidade humana. A estas narrativas os analistas da teoria crítica da tecnologia dão o nome de *determinismo tecnológico*.

O conceito de tecnologia é plural e, como tal, necessita ser continuamente problematizado. Tecnologia contém uma necessária dimensão social: trata-se de uma invenção de homens e mulheres no tempo e no espaço

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

interrelacionados dialeticamente. Portanto, a tecnologia deve ser questionada a partir de suas influências exercidas sobre o meio ambiente e a sociedade, bem como a partir da influência recebida da sociedade.

Seguindo a proposta do filósofo Andrew Feenberg²¹ torna-se desejável produzir uma democratização subversiva da tecnologia. Em outras palavras, para o bem da tecnologia e da sociedade torna-se um imperativo ouvir os questionamentos dos grupos sociais a respeito de projetos, produtos e princípios tecnológicos. Sem este medidor, isto é, separada da crítica social a tecnologia torna-se um instrumento cego de poder. A instrumentalidade pura passa a regular os destinos da tecnologia.

A tese de Feenberg torna-se cada vez mais atual, como se pode observar a partir do terremoto que assolou o Japão em 2011 e o desastre nuclear que veio em seguida. A este respeito cabe indagar se a tragédia japonesa provocada pelo terremoto de 2011 apresentou, na usina nuclear de Fukushima, seu desespero maior. O povo japonês opinou quando da instalação da usina naquela região? O povo foi ouvido sobre os estudos e procedimentos referentes à instalação daquela usina? O determinismo tecnológico, por outro lado, desconsidera qualquer valor proveniente da dimensão social da tecnologia. Segundo sua lógica, o determinismo tecnológico quer fazer entender que a opinião da comunidade está desprovida de importância...

Algumas considerações

Ao longo dos anos observa-se a uma equivocada desvalorização das professoras e dos professores enquanto profissionais. Ser professor ou professora

21 Página oficial de Feenberg: <http://www.sfu.ca/~andrewf/>



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

parece não ser a prioridade da maioria das pessoas que ingressam num curso superior. Contudo, esta depreciação longe de negar o valor intrínseco do trabalho docente, revela os equívocos protagonizados por autoridades, formadores de opinião e o senso comum, de modo geral, orientados pelo paradigma da instrumentalidade. Por esse aspecto, ser professor ou professora não dá dinheiro. O sucesso profissional repousa sobre a capacidade de alguém produzir dinheiro por meio do seu trabalho.

Ora, a meditação sobre os princípios necessários à prática docente não pode furtar-se ao reconhecimento da excelência deste tipo de trabalho. De fato, Paulo Freire, o mestre maior de todos os educadores, ressaltou o papel da educação para a edificação da liberdade. Conseqüentemente, educar para a emancipação ou a liberdade exige muito mais do que o saber específico de uma determinada disciplina ou ciência: o tempo presente exige das educadoras e dos educadores a condição de mestras e mestres de espiritualidade. Não se trata aqui, evidentemente, de uma espiritualidade voltada para um suposto credo ou confissão religiosa, mas do compromisso inalienável com os homens e as mulheres e suas diversidades sexuais desta e das futuras gerações; trata-se da presença necessária de homens e mulheres e suas diversidades capazes de sensibilizar o estudantado enquanto indivíduo e também coletividade para o respeito à Vida.

Homens e mulheres e suas diversidades sexuais são filhos e filhas da Terra, irmãos e irmãs dos seres da natureza²². Expressam a dimensão do planeta Terra que, na cadeia evolutiva, alcançou consciência de si. Portanto, as pessoas são a Terra que alcançou consciência e agora estão sendo chamadas ao exercício do

22 O *Cântico do sol*, poema de São Francisco de Assis, (1976, p. 182) sintetiza, com rara sensibilidade, esta intuição. Outrora, a relação familiar entre os humanos e a natureza era uma evidência para os místicos; contemporaneamente, a ciência e a tecnologia reconhecem esta dimensão.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cuidado por meio do conhecimento formalmente constituído (BOFF, 1999). Zelar pela Vida, cuidar do planeta Terra, proteger as condições de existência feliz da geração presente e daquelas que a sucederão, eis o desafio da educação tecnológica emancipadora.

Referências

BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo: ensaio sobre a vocação humana**. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **Ética da vida**. Brasília: Letraviva, 1999.

CONSULTÓRIO ETIMOLÓGICO: Disponível em:< <http://origemdapalavra.com.br/pergunta/pergunta-1684/>>. Acesso em 26jul.2011.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESSER, Kajetan; HARDICK, Lothar. **Os escritos de São Francisco**. 3. ed. Tradução de Frei Edmundo Binder, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1976.

FEENBERG, Andrew. **Racionalização democrática, poder e tecnologia**. Disponível em:< <http://www.sfu.ca/~andrewf/coletanea.pdf>>. Acesso em 26jul.2011.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

JESUS, Rodrigo Marcos de. “O que fazer intelectual em três tempos” Álvaro Vieira Pinto, Paulo Freire e Leonardo Boff. **Redes . Revista Capixaba de Filosofia e Teologia**. - Ano Vitória, a. Vitória, a. 8, n. 14 (Jan./Jun. 2010). - Vitória : Iftav / FCSES, 2010. Disponível em:<[http://www.unisaes.edu.br/arquivos/pdf/Redes Filosofia e Teologia 14.pdf](http://www.unisaes.edu.br/arquivos/pdf/Redes_Filosofia_e_Teologia_14.pdf)>. Acesso em 26jul.2011.

MARTINS, Evandro Silva. **A etimologia de alguns vocábulos referentes à educação**. Disponível em:< <http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetilhas/article/view/3475/2558>>. Acesso em 26jul.2011.

MARTINS, Marcos Francisco. **Uma “catarsis” no conceito de cidadania: do cidadão-cliente à cidadania com valor ético-político**. Disponível em:



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

http://www.am.unisal.br/graduacao/ped/pdf/2007/art_conceito_de_cidadania.pdf. Acesso em 21 jul. 2011.

PESSANHA, José Américo Motta. **Sócrates: vida e obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

PORTA, Mario Ariel González. **A filosofia a partir de seus problemas**. São Paulo: Loyola, 2002.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Ética: caminhos da realização humana**. São Paulo, Ave Maria: 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Disponível em:<
http://stoa.usp.br/alexccarneiro/files/-1/4529/sartre_existencialismo_humanismo.pdf>. Acesso em 26jul.2011.